

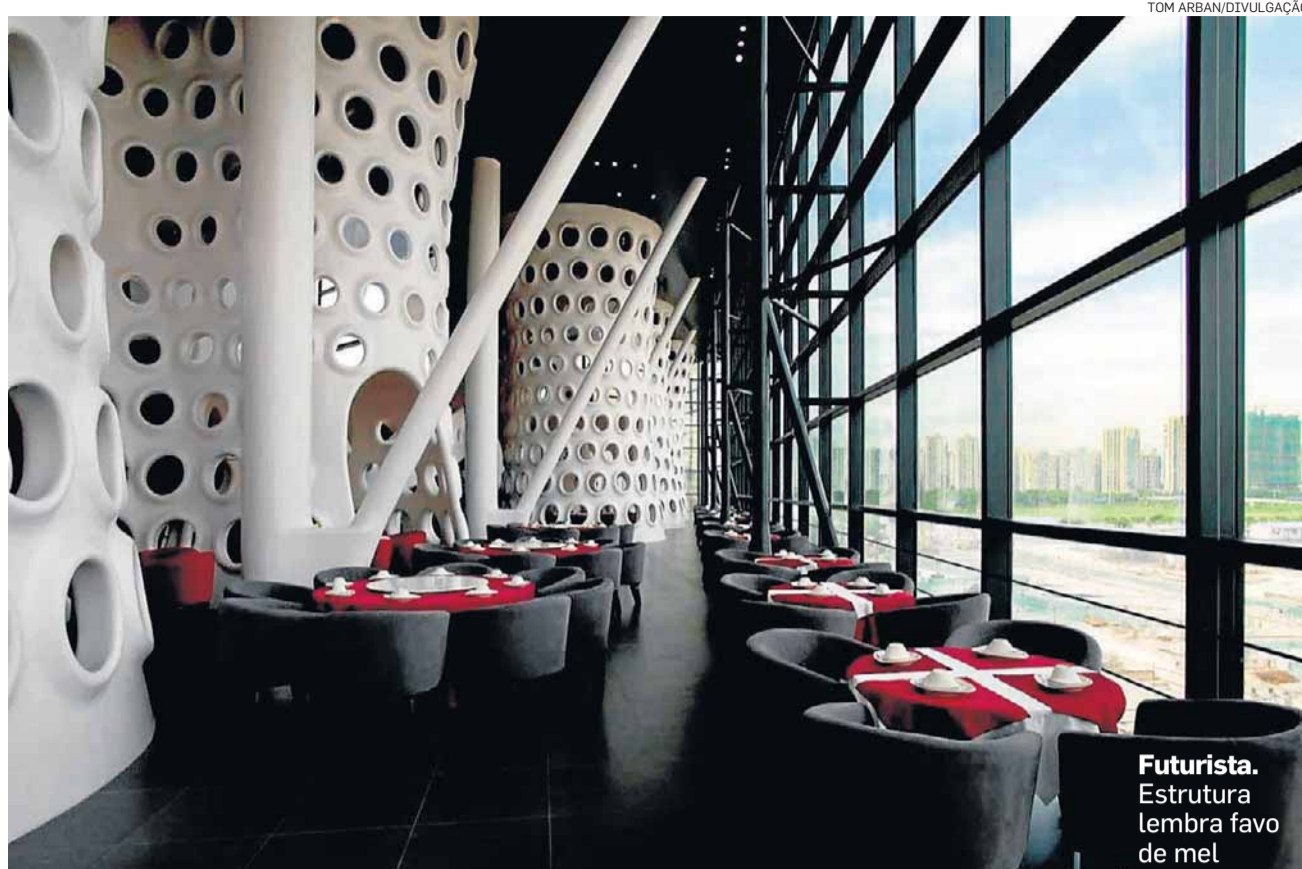
Design & Inovação

Império da forma

Localizado em Shenzhen, na China, o restaurante Honeycomb faz parte de um centro comercial que inclui sala de cinema, lojas e pista de gelo. Mas o interior do espaço, marcado por um enorme muro orgânico onipresente em todo o ambiente, parece descolar o restaurante de todo o resto.

Projetado pelo escritório Sako Architects, com sede em Pequim, o painel curvo divide os 1,3 mil metros quadrados do interior do restaurante em doze salões de tamanhos variados, para jantares particulares ou encontros de grandes grupos.

As superfícies curvas dos painéis brancos são perfuradas por cerca de mil aberturas ovais, que dão à estrutura um aspecto que remete à forma de favos de mel.



TOM ARBAN/DIVULGAÇÃO

Futurista. Estrutura lembra favo de mel

QUANDO MENOS É MAIS

Depois de quase uma década como editora de estilo na revista *The World of Interiors*, a designer britânica Faye Toogood decidiu criar seu próprio estúdio e sua marca de móveis. Seu mobiliário é fabricado artesanalmente e marcado pela simplicidade e pelo equilíbrio. A mesa Element, formada por uma placa de vidro que repousa em cima de um cilindro, uma esfera e um cubo, é um exemplo da obra da artista.



FAYE TOOGOOD

Steven Greenhouse

THE NEW YORK TIMES

Logo após começar a trabalhar num escritório de advocacia, há 20 anos, Sara Horowitz ficou chocada ao descobrir que o plano da empresa era contratá-la não como funcionária, mas como autônoma. “Percebi na hora que algo não estava certo”, diz ela. “A condição de autônoma significava que eu não teria plano de saúde, aposentadoria, nem férias pagas – nada a não ser o salário”. Foi quando ela percebeu que fazia parte de uma tendência entre as empresas americanas: contratar trabalhadores autônomos, temporários e freelancers para cortar custos. Perplexa e enraivecida, Sara e dois outros jovens advogados também contratados como autônomos formaram o que chamaram, jocosamente, de *Transient Workers Union* (Sindicato dos Trabalhadores Transitórios).

O avô de Sara foi vice-presidente do sindicato internacional do setor de vestuário feminino e seu pai advogado trabalhista. De modo que não foi surpresa o fato de ela reagir à situação decidindo organizar um sindicato. O que ela criou, contudo, foi uma versão moderna de sindicato. O Freelancers Union (Sindicato dos Freelancers), com seu nome paradoxal, é uma coleção heterogênea de trabalhadores numa economia freelance que cresce rapidamente – advogados, desenvolvedores de software, artistas gráficos, contadores, consultores, babás, escritores, editores, designers de websites ou vendedores.

Hoje este sindicato é uma das organizações de trabalhadores que mais crescem no país, com mais de 200 mil membros. Vale lembrar, a título de comparação, que o sindicato dos metalúrgicos nos Estados Unidos conta hoje com 380 mil associados. Naturalmente, embora centenas de milhares de vagas tenham desaparecido, o país está abarrotado de trabalhadores autônomos e independentes. De acordo com estudos realizados pelo Departamento de Estatísticas sobre o Trabalho, hoje existem mais de 20 milhões de trabalhadores freelancers e autônomos.

Sindicato dos Freelancers, com sede no Brooklin, não firma acordos com os patrões, mas conseguiu resolver o que, de longe, é a principal preocupação dos autônomos: ofereceu a eles um plano de saúde viável. Sua empresa de seguro saúde cobre 23 mil trabalhadores no Estado de Nova York e tem US\$ 105 milhões de receita anual.

Vulnerabilidade. Embora trabalhar de modo independente tenha algumas vantagens – você pode ir ao seu curso de ioga ou tirar férias quando desejar – isso também significa vulnerabilidade econômica. Uma pesquisa interna realizada pelo Sindicato dos Freelancers concluiu que 58% dos membros da associação ganham menos de US\$ 50 mil por ano e 29% ganham menos de US\$ 25 mil. O estudo concluiu também que 12% dos membros, muitos deles universitários en-



THOMAS MCOULLAN/DIVULGAÇÃO

Crise. Para Sara Horowitz, uma enorme faixa da classe média está empobrecendo e os freelancers são o primeiro grupo afetado

O SINDICATO dos ‘freelancers’

Com mais de 200 mil associados, que vão de advogados a babás, a organização de trabalhadores é uma das que mais crescem nos EUA

Recursos
US\$17 milhões foi quanto Sara Horowitz levantou com investidores e fundações para criar a Freelancers Insurance Company

tre 30 e 40 anos de idade, precisaram recorrer aos cupons de alimentação durante a recessão. “Na economia atual existe uma enorme faixa da classe média que está empobrecendo”, disse Sara, “e os freelancers são o primeiro grupo afetado”.

Alguns sindicalistas veteranos alegam que o Sindicato dos Freelancers é mais uma associação do que um sindicato e não conseguirá ganhos significativos para os trabalhadores. Seus membros não pagam uma contribuição sindical, portanto a adesão não requer nenhum sacrifício e, além disso, não negociam os contratos com os empregadores e não representam os freelancers no caso de uma reclamação trabalhista.

Sara Horowitz, 50 anos, insiste que sua organização é de fato um sindicato porque, como os demais, é uma organização grande, tem influência, é economicamente independente e atua em favor dos interesses dos trabalhadores, embora seus membros trabalhem para inúmeras empresas em muitos setores.

“Isso me lembra as antigas agremiações precursoras dos modernos sindicatos trabalhistas. Elas lutavam pela autonomia individual dos trabalhadores, que tentavam criar suas próprias carreiras com o apoio de

NOVO MUTUALISMO

Sidney Hillman – chefe da Amalgamated Clothing Workers of America, de 1914 a 1946, e influente assessor do presidente americano Franklin D. Roosevelt – é o modelo para uma ideia que Sara Horowitz vem discutindo muito atualmente, que ela chama de “novo mutualismo”. O conceito é baseado numa premissa muito simples: os freelancers devem se reunir para criar instituições com objetivos sociais para atender suas necessidades mútuas. O que, segundo ela, é muito melhor do que depender de corporações e investidores privados que podem ter priorida-

des diferentes, sem falar no desejo de obter grandes lucros. Ela admite que a ideia não é nova. Mas com a economia em transformação, o declínio dos sindicatos, o fim do paternalismo entre os empregadores e o papel cada vez menor do governo, as condições estão formadas para se criar sociedades de ajuda mútua novamente. “O sindicalismo social dos anos 20 estava certo”, diz ela. “O que dizia era ‘vamos atender o trabalhador em todos os aspectos. Não apenas no tocante ao seu trabalho, mas sua vida inteira’. Nós vemos as coisas da mesma maneira”.

uma organização coletiva que lhes dava assistência”, afirmou Janice R. Fine, professora de relações no trabalho na Rutgers Universidade. “Sara é excelente em adaptar ideias antigas para ajudar a mão de obra de hoje.”

Clínica. Na clínica médica do sindicato, aberta em novembro no centro do Brooklin, os associados têm acesso a um estúdio de meditação e ioga, consultas com nutricionista, acupunturista e médicos, que atendem até

por Skype, se necessário.

Para usar a clínica, os integrantes do sindicato precisam aderir à Freelancers Insurance Company; o prêmio pago varia de US\$ 225 a US\$ 603 ao mês – 40% menos do que os planos individuais disponíveis em Nova York. “Se fossemos uma empresa de seguros visando o lucro, não poderíamos oferecer todos estes serviços”, disse Sara. “Conseguimos direcionar os lucros a serviços dos nossos freelancers”.

Para criar a Freelancers Insu-

rance Company, Sara precisou convencer investidores a injetar US\$ 17 milhões na companhia. A Rockefeller Foundation e outras organizações forneceram US\$ 7 milhões a título de doação e outras fundações também aderiram, emprestando o restante a juros de 3%.

“Ela entendeu que os sindicatos basicamente não inovavam há várias gerações”, diz Bill Drayton, fundador da Ashoka, fundação não lucrativa que investe em empreendimentos sociais. “Neste interím, o mundo mudou e tremendas necessidades deixaram de ser atendidas.”

Os lucros da empresa de seguro saúde que não são usados para pagar os empréstimos vão para uma reserva para fortalecer as finanças da companhia. Mas, no futuro, uma parte dos lucros será usada para as operações cotidianas do sindicato e projetos, como uma planejada clínica médica em Manhattan. O sindicato auferiu US\$ 2 milhões por ano com as filiações e taxas de inscrição que os associados pagam para ter um seguro de vida, odontológico e de incapacidade. O sindicato providencia os benefícios por meio de uma empresa de seguros terceirizada.

Embora o sindicato seja elogiado por ajudar seus membros a manter um plano de saúde, alguns especialistas questionam se isso é um caminho de fato para aumentar a renda dos trabalhadores autônomos. “Toda a autoajuda que eles proporcionam parece boa e criativa”, diz Gordon Lafer, professor de relações trabalhistas na Universidade de Oregon. “A questão é saber se poderão influir no sentido de obter uma contribuição justa dos empregadores, conseguir que as empresas ofereçam uma parte justa dos seus lucros para os freelancers. Eles precisarão ser mais criativos para conseguir isto.” /

TRADUÇÃO DE TEREZINHA MARTINO